

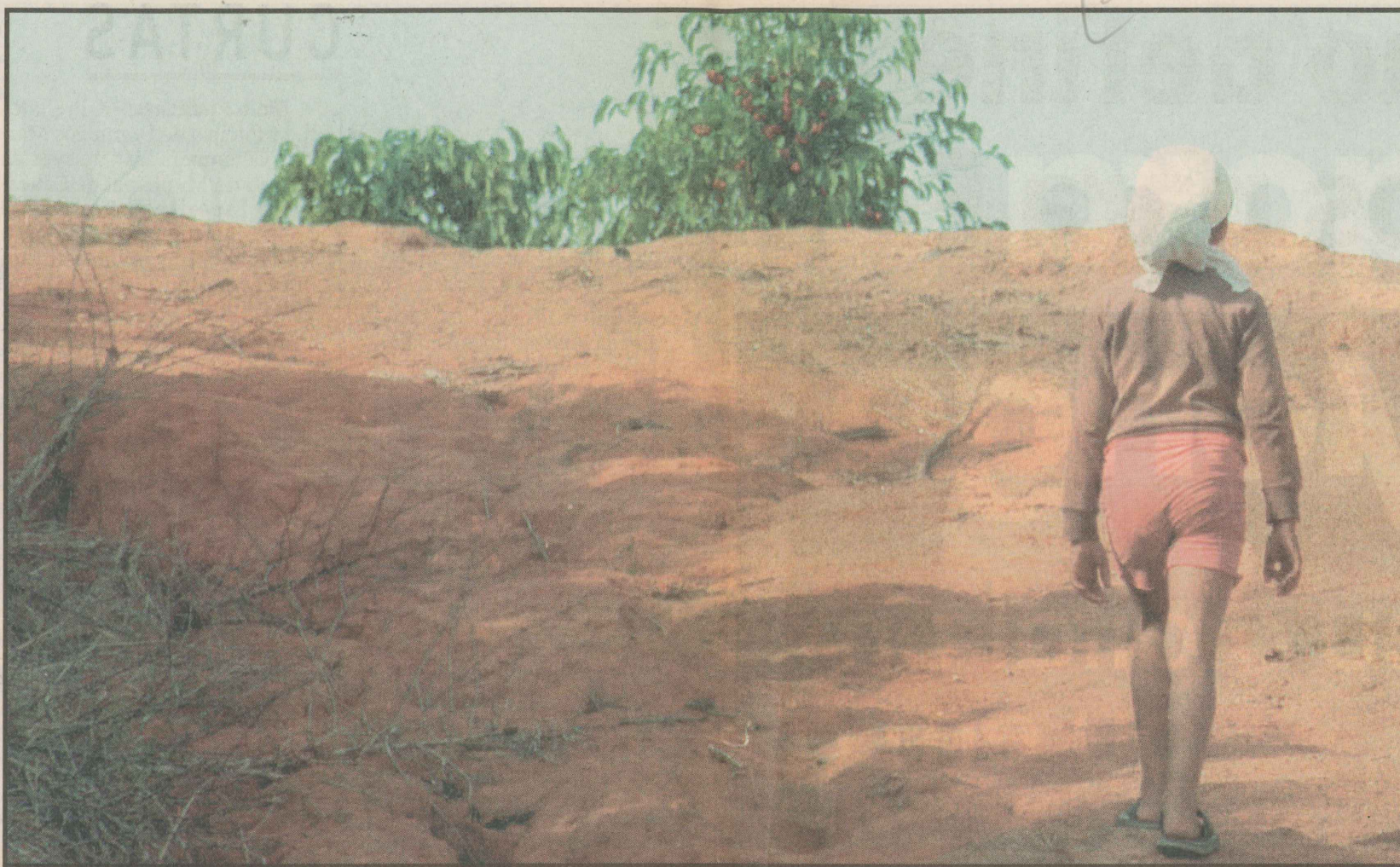
Professores notam faltas nas chamadas

Um dia, uma semana, um mês. O período em que a frequência nas escolas cai em função da colheita de café, no Norte do Estado, não segue um calendário fixo. Há estudantes que começam a trabalhar em abril ou maio e não voltam mais à escola. Os que retornam, com dificuldades em seguir no mesmo ritmo dos colegas, entram na recuperação, segundo os professores da região.

Renata Milbratz Bullerjhan dá aulas de português e inglês para crianças, adolescentes e jovens na Escola de 1º e 2º graus Carlos Mendes, no distrito de Novo Brasil, em Colatina. O distrito é cercado por lavouras de café. A história da evasão escolar, em função da colheita, é uma velha conhecida dos professores locais. "Realmente, alguns alunos faltam. Chegam a se ausentar uma semana, um mês, e depois a gente tem que fazer a recuperação deles. Quem estuda à noite costuma faltar mais. Geralmente são adolescentes, de 14 anos em diante, que já têm porte para colher bem o café", diz Renata.

Neste ano, segundo Renata, a evasão diminuiu devido a uma seca que atingiu a colheita da região. Menor a safra, menor a oferta de trabalho. A secretária da mesma escola, Zulmira Barcellos Rizzi, explicou que não foi feito um levantamento específico sobre a queda na frequência. A estimativa dela é de que aproximadamente 5% dos alunos deixaram de comparecer regularmente às aulas, percentual que já foi mais elevado em épocas de safras abundantes.

Em outro distrito de Colatina, Governador Lindenberg, o problema é o mesmo. A professora Sônia Aparecida Raquel, que dá aulas de reforço para alunos com



Gildo Loyola

Repetição

Crianças dão as costas para a escola para 'panhar', num dia, meio saco de café, pelo qual chegam a ganhar R\$ 1,50. Mas muitas sonham em voltar às aulas na esperança de conquistar um futuro melhor

Colheita do café provoca evasão escolar no Estado

EDUARDO CALIMAN

Segunda-feira, 16 de maio. Uma das carteiras da sala de aula do 1º período da Escola Unidocente Córrego do Jequitibá, na zona rural de Colatina, está vazia. A aluna F.E., de oito anos, não assistiu às aulas naquele dia, pela mesma razão pela qual, todos os anos, leva centenas de estudantes a abandonarem, temporária ou definitivamente, os bancos escolares no interior do Estado: a colheita do café.

Centenas de crianças, adolescentes e jovens deixam as salas de aula, de abril a agosto, para trabalhar nos cafezais

lizada em Córrego Miracema, a 13 quilômetros do município de São Domingos do Norte. A mãe levou também sua outra filha, A.E., de 4 anos, porque a menina não poderia ficar só em casa. O pai delas havia saído cedo para trabalhar como pedreiro em Córrego Jequitibá.

Com um lenço na cabeça, para

de caderno, lápis, borracha e outros materiais que a escola de Córrego Jequitibá não fornece. "Ela panha bastante; meio saco por dia. Dá pra comprar um lápis. Trago ela pra trabalhar porque falta um recurso em casa. E tem vez que a gente precisa", explica a mãe.

As palavras de M.E lembram

cava só um ano ou dois anos no lugar. Plantava o café, esperava ele formar e depois saía", lembra. A prática faz de M.E uma exímia catadora. Chega a colher seis sacos por dia, pelos quais recebe R\$ 18,00. "Quem dera que o café durasse o ano inteiro. Eu ia ficar rica. Quando não tem café, a gente até capina, mas é difícil achar trabalho, porque muitas vezes não tem nem para os homens".

Apesar de sentir na pele a necessidade dos reais conseguidos pelo meio saco de café catado pe-

Saída para ficar longe dos livros

Estudar nunca foi o forte de Edirlei Peroni, de 16 anos. Não gostava dos exercícios de matemática, interpretação de textos, e muito menos dos professores. Abandonar os estudos para "panhar" café não foi apenas uma consequência da necessidade de contribuir para o caixa familiar, mas uma opção de vida que o livrou dos livros.

O jovem lavrador estudou até a 4ª Série, numa escola do município de Rio Bananal, no Norte do Estado, onde mora. Aos 10 anos, quando já dividia o tempo entre a o campo e a escola, não teve dúvidas: "Não dá pra estudar e ficar trabalhando na roça. Prefiro só trabalhar, mesmo".

A partir disso, passou a catar café todos os anos, durante a colheita. Sua jornada neste ano começou no dia 5 de abril, no sítio de um cunhado, localizado à beira da estrada que liga os distritos de Novo Brasil a Governador Lindenberg, em Colatina. "Fico aqui enquanto dura o tempo da colheita. Depois vou pra casa dos meus pais, em Rio Bananal, e dou uma ajudinha lá".

Por dia, Edirlei recebe R\$ 10,00, dinheiro que, segundo ele, "dá pra comprar umas roupas e sair pra algum lugar". A renda mensal, entretanto, não é suficiente para que ele realize o sonho de todo jovem torcedor flamenguista. "O que eu queria mesmo era ir pro Rio e ver um jogo do Flamengo, no Maracanã".

O caso de Edirlei, que passou a trabalhar na colheita por opção própria, está distante da realidade de Alan Schereder, de 10 anos, aluno da 5ª série do colégio Atílio Vivácqua, no município de Vila Valério. Às 6 horas, quando não tem dever de casa a fazer, ele já está ao lado da mãe, Zelinda

educação / ES (evasão escolar)

aulas de reforço para alunos com dificuldades, alega que todas as turmas ficam mais vazias nesta época de colheita.

Ela não tem números específicos sobre a evasão, mas calcula que, de 120 alunos da escola, mais de 20 estão faltando. "Posso dizer que em todas as turmas há problema de frequência. Nós procuramos fazer um trabalho de conscientização com os pais, tentando destacar a importância do estudo. Fazemos reuniões, mas, no caso de algumas famílias, não tem jeito".

'Piadas' tiram Ronaldo da sala de aula

"Eu, Nando, Silézio, Fabrício, Carlos, Wilian, Fábio. Tá todo mundo parando de estudar". O "eu" da lista de estudantes do distrito de São Pedro de Rates, a 27 quilômetros de Guaçuí, é Ronaldo Leal de Oliveira, 18 anos. Filho de agricultor e morador de uma casa cercada por 10 mil pés de café arábica, o rapaz tentou, no início de abril, trabalhar no cafezal e frequentar as aulas do 1º ano científico no Colégio Polivalente, no centro da cidade.

A tentativa teve vida curta: só uma semana. Após passar o dia e a tarde na lavoura, ajudando o pai a retirar os 300 sacos de café desta colheita, Ronaldo ainda tinha que ouvir piadinhas e brincadeiras dos colegas do centro de Guaçuí, em tom de discriminação, por ele morar na zona rural da cidade.

- Não deu pra mim. Eu chegava muito tarde em casa, cansado por ter trabalhado o dia inteiro. Na escola, queria aprender mas o pessoal queria ficar tirando onda. E a gente conhece a dificuldade lá de fora. Vou estudar para depois ficar desempregado? - questionou.

O irmão dele, Ronei, de 15 anos, deverá seguir o mesmo caminho. Ele está frequentando a 8ª série, na escola de São Pedro. Mas, no ano que vem, terá que fazer a mesma tentativa do irmão: estudar no Centro de Guaçuí, porque não há 2º grau no distrito.

do: a colheita do café.

De abril a agosto, meses da chamada "panha" do café, o caderno é substituído pela peneira. Os complicados exercícios de matemática dão lugar à simples conta da relação trabalho/remuneração. Quem consegue colher um saco de café, recebe R\$ 3,00. O trabalho, se não exige muito raciocínio, é exaustivo: a jornada de trabalho é determinada pelo sol - começa às 5h30 e termina às 17h30.

F. acordou cedo, naquele dia, para ir com mãe, M.L.E., de 27 anos, a uma lavoura de café loca-

Com um lenço na cabeça, para se proteger do sol, F. consegue "catar" meio saco por dia, o que rende à família R\$ 1,50. Baixinha - de pouco mais de um metro - ela retira o café que fica na parte de baixo do pé. O trabalho exige equilíbrio. Não há curvas de nível nos morros íngremes onde estão os cafezais da Região Norte.

Itinerante

O dinheiro que F. recebe pelo meio saco de café pode ter dois destinos. Ou entra no orçamento doméstico ou é usado na compra

As palavras de M.E lembram um passado que ela viveu. Sua história de vida possui raízes nos pés de café. Nascida na cidade de Mantena, em Minas Gerais, aos 11 anos foi chamada pelo pai a deixar a carteira da escola para "panhar" café em pequenas propriedades rurais da região. Na época, como hoje, a família precisava da contribuição da filha.

A lavradora levou uma vida itinerante, trabalhando em plantações de café em Minas e no interior do Espírito Santo, até se acomodar em Córrego Jequitibá. "Fi-

pele a mãe. pelo meio saco de café catado pela filha, M.E diz que não deseja a mesma vida para a menina; se considera um mau exemplo. "Quando eu larguei, também estava na 2ª série. Não quero que ela faça como eu fiz, não. Quero que ela estude para fazer alguma coisa na vida, sem ser trabalhar na roça. Ela não vai continuar faltando as aulas", comprometeu-se. F. também não pensa em deixar de lado os livros e cadernos: "Eu trabalho para ajudar minha mãe, mas vou continuar indo pra escola. Um dia quero ser cantora".

está ao lado da mãe, Zelinda Brandenburg, 34 anos, catando café numa pequena propriedade rural em Padre Francisco, São Domingos do Norte.

Zelinda é separada do marido e conta com a ajuda de Alan desde que ele tinha oito anos. Ele só não ajuda a mãe em véspera de prova ou quando tem dever de casa. Fica trabalhando até as 10 horas, toma banho, almoça e embarca num ônibus que o leva ao colégio. "Ele consegue colher um saco de café quando começa a catar cedo.

Necessidade de trabalhar é mais forte

Durante o dia, Brás Oliveira da Silva, 22 anos, é lavrador. No distrito de São Tiago, em Guaçuí, no Sul do Estado, ele acorda às 5 horas, lava o rosto com água fria e caminha quatro quilômetros até a fazenda de Luiz do Gás. Uma marmita debaixo do braço já demonstra que a jornada no cafezal será longa. Brás passa o dia e a tarde na "panha". Às 17 horas, hora de voltar para casa, ele recebe R\$ 7,00 - a metade para as despesas pessoais e a outra para o orçamento da família.

Durante a noite, Brás tentou ser estudante. Matriculou-se, este ano, no supletivo de segundo grau do Colégio Estadual, no centro de Guaçuí. As aulas começaram na segunda quinzena de março. Brás, dois irmãos mais novos, Osmar e Roberto, e mais quatro amigos do distrito, embarcavam todos os dias numa Kombi da Prefeitura rumo à sede do município.

Prestar atenção nas aulas, após um dia de "panha", tornava-se uma tarefa cada vez mais cansativa. O tempo era curto para tomar banho, jantar e embarcar na Kombi até o colégio, de onde só retornava às 23 horas. Duas semanas depois, os dois lados de Brás entraram em conflito. O estudante acabou perdendo a batalha para o lavrador. Dois amigos dele, Marciano e Paulo, também não aguentaram.

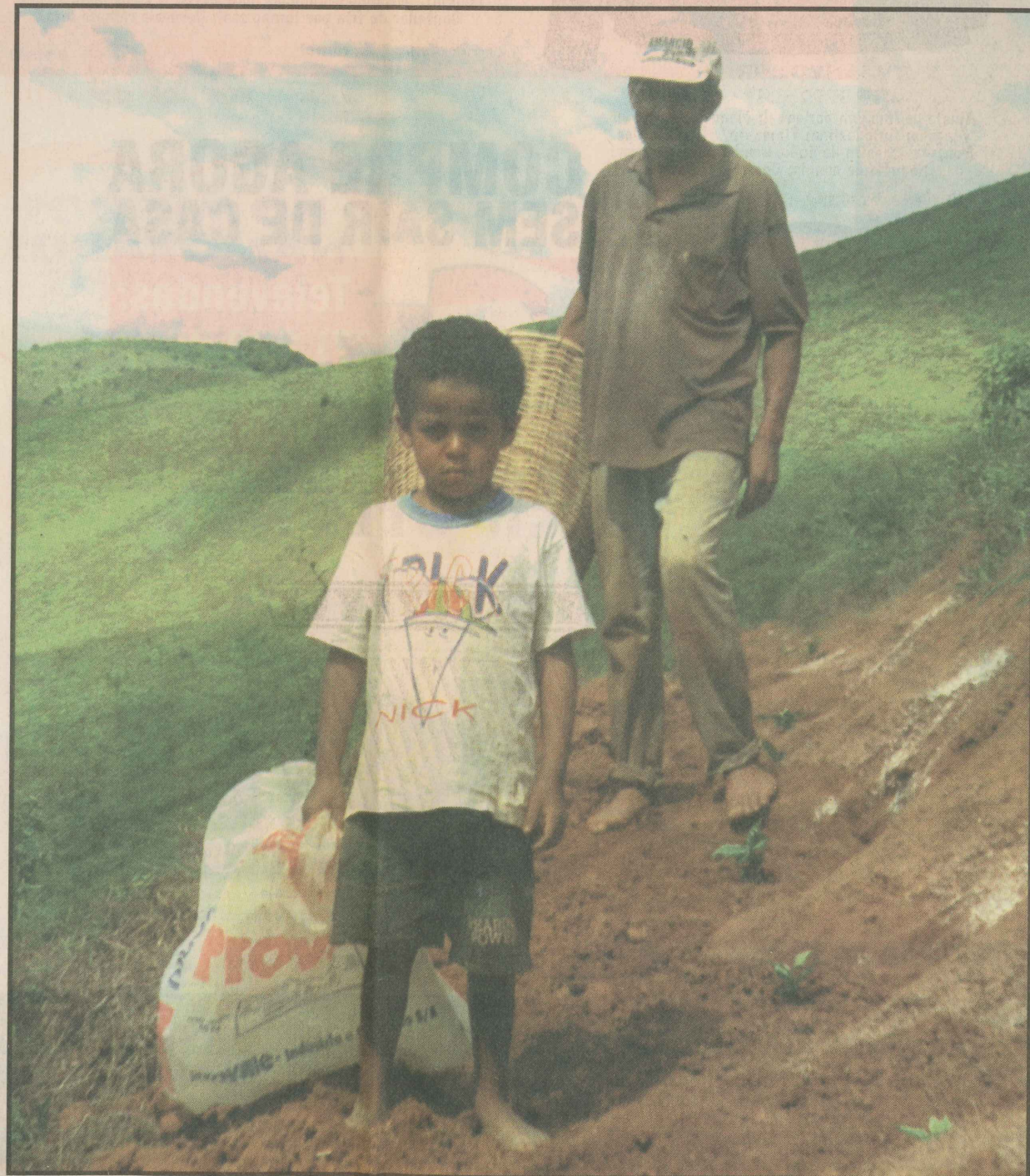
ESPERANÇA

4 anos, hora de aprender a plantar

A aula nos cafezais pode começar antes mesmo da primeira passagem pelo portão da escola. Num assentamento de trabalhadores sem-terra, localizado a 13 quilômetros de Guaçuí, 136 famílias dividiram, há dois anos, uma terra legalizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Lá, após levar uma vida de destinos incertos, em invasões de fazendas, Mário Bermudes da Cunha, de 44 anos, conseguiu seu lote de dois alqueires e iniciou uma plantação de café. O novo agricultor sabe que precisará de ajuda, no futuro e já leva o filho, Marcelo, de 4 anos, ao pedaço de terra pelo qual vinha lutando nos últimos anos.

- Isso aí é para ele aprender a trabalhar na hora em que não estiver estudando - explicou o pai. O menino ainda não foi matriculado porque, no colégio do assentamento, não há turmas de pré-escola. As crianças começam a estudar com 6 ou 7 anos. O primeiro grau é dividido em dois períodos, e ninguém fica reprovado no final do ano.

Marcelo passa o dia brincando com seus amigos, nas ruas de barro da comunidade e às vezes acompanha o pai à lavoura. "Hoje, ele até já me dá uma forcinha. E sempre que puder poderá me ajudar", diz o pai.



Eduardo Calliman